

O ARQUITECTO

Rui Tavares



LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVII

*à Chris
aos meus pais
ao meu amigo António Tomás*

© 2007, Rui Tavares e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

Título: *O Arquitecto*
Autor: Rui Tavares
Revisão: Tinta-da-china
Capa e Composição: Vera Tavares

1.ª edição: Junho de 2007
ISBN 978-972-8955-30-4
Depósito Legal n.º 260038/07

Índice

ACTO I 13
ACTO II 99

SOBRE O ARQUITECTO 159

PERSONAGENS

MINORU YAMASAKI

(1912-1986)

Arquitecto. Autor de Pruitt-Igoe em Saint Louis, Missouri, e do World Trade Center em Nova Iorque.

MORELAND GRIFFITH SMITH

(1906-1989)

Arquitecto e activista dos direitos civis.

WOLF VON ECKARDT

(1918-1995)

Crítico de arte e arquitectura no *Washington Post*.

LESLIE ROBERTSON

(1928-)

Engenheiro de estruturas, responsável pela construção do World Trade Center.

FAZLUR RAHMAN KHAN

(1929-1982)

Engenheiro de estruturas, inventor do conceito do feixe tubular.

DAVID ROCKEFELLER

(1915-)

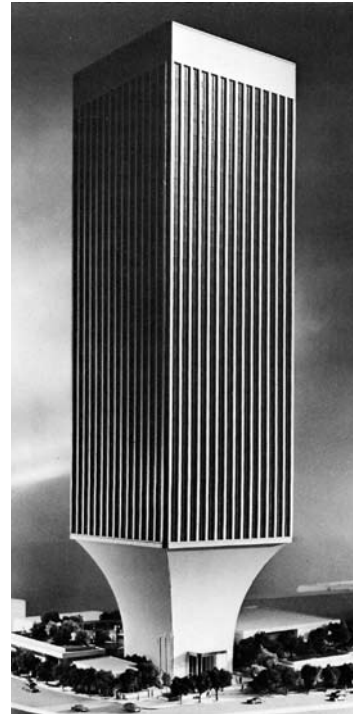
Capitalista, principal investidor no World Trade Center.

Uma
SECRETÁRIA



Todos os acontecimentos, personagens e relações entre personagens e acontecimentos referidos no texto são reais. Os diálogos são puramente imaginários, bem como as suas circunstâncias.

Acto I



Detroit, fim da tarde e noite de 16 de Março de 1972. Escritório da Minoru Yamasaki Associados. MINORU YAMASAKI está só, sentado a uma mesa de trabalho plana e falando ao telefone, um aparelho preto, de disco rotativo. É um homem de sessenta anos, de aspecto mais jovem que a sua idade, baixa estatura, vestido formalmente, usando suspensórios e laço borboleta, mas de mangas arregaçadas e sem casaco. À sua esquerda, uma fileira de estiradores inclinados, iluminados por lâmpadas individuais, folhas de quadricula e plantas de edifícios presas com molas ou espalhadas no chão, material de desenho diverso. À sua direita, uma porta entreaberta dá acesso à recepção do escritório, por onde entram e saem as restantes personagens.

MINORU YAMASAKI

[ao telefone]

Não, não é bem assim. Creio que é uma visão muito exagerada. Devo dizer-lhe que, bem pelo contrário, tento criar alguma distância em relação a tudo isto. Sinto mesmo que devo fazê-lo. Como arquitecto, sempre pensei que o meu papel, o papel desta profissão, seria ajudar a criar as melhores condições possíveis para a vida das pessoas,

Acto II



Nova Iorque, 4 de Abril de 1973. Torre Sul do World Trade Center, em Lower Manhattan, num salão ainda muito despido, com alguns cadeirões, mesas baixas e outras poucas peças de mobiliário em estilo internacional. As janelas estreitas do salão são delimitadas por colunas metálicas que cobrem toda a parede. Ao centro, uma porta de elevador, que serve para a entrada e saída das personagens. GRIFFITH SMITH está sentado, folheando uma revista. Veste traje formal, como todas as personagens deste acto.

GRIFFITH SMITH

[olha para o relógio; levanta-se e dirige-se a um telefone]

Sim? Sim? Fala da recepção?... O senhor Yamasaki ainda está aí em baixo?... *Ok*, claro. Olhe, se estiver, e se for possível falar com ele... eu sei, eu sei. Não deve estar fácil. Mas em todo o caso, nós combinámos encontrar-nos aqui em cima, ainda antes da inauguração, e ele estava preocupado que eu não conseguisse encontrar o caminho... mas encontrei... Não... Sim. Diga-lhe apenas que já estou à espera dele... Sim. Só isso. Este é... espere... acho que é o topo sul do andar

Sobre O Arquitecto



MINORU YAMASAKI viveu tempo suficiente para confirmar que as suas Torres Gémeas se estavam tornando num ícone global e no símbolo da sua carreira. Em 1979 as torres foram adoptadas até pelo mais neurótico dos nova-iorquinos quando Woody Allen estreou *Manhattan* e no cartaz do filme o título era uma silhueta do *skyline* da cidade, com as Torres Gémeas em posição central representando a letra H. Foi nesse mesmo ano que Minoru Yamasaki publicou a sua autobiografia, *A Life in Architecture*. Não por acaso, uma fotografia das Torres Gémeas foi escolhida para a capa. Yamasaki imaginava que na posteridade seria reconhecido pelo World Trade Center e favoreceu essa associação.

O conjunto de Pruitt-Igoe, pelo contrário, não tem uma única referência na autobiografia e foi expurgado do currículo do seu autor. Nas poucas referências públicas que fez ao assunto, Yamasaki limitou-se a dizer que «de-sejaria não ter desenhado esse projecto», apesar de com ele ter ganhado os seus primeiros prémios e por meio dele ter lançado já tardiamente a sua carreira. Talvez Minoru Yamasaki tenha acreditado que ao manter o silêncio sobre Pruitt-Igoe o resto do mundo tomasse a decisão de ser igualmente lacónico. Mas, tal como a própria obra, também o símbolo de Pruitt-Igoe fugiu ao seu controlo



e veio a tornar-se uma referência central para todo o discurso arquitectónico e urbanístico – referência para o mal, entenda-se. Um dos primeiros detractores foi o crítico de arquitectura do *Washington Post*, Wolf von Eckardt, que declarou que a implosão de Pruitt-Igoe significara «a morte da cidade moderna». Em breve, Pruitt-Igoe era já um emblema de tudo o que de errado se podia fazer em arquitectura, mesmo para um autor consagrado como Lewis Mumford, que aproveitava para estender a sua crítica ao World Trade Center, «um exemplo do gigantismo gratuito e do exibicionismo tecnológico com que hoje em dia se esventra o tecido vivo de qualquer grande cidade». Outros, como Peter Hall, utilizavam Pruitt-Igoe como um bordão com que fustigar não só Minoru Yamasaki mas toda a geração modernista, de Corbusier a Oscar Niemeyer, pela suposta desumanidade dos projectos das «cidades-torres» corbusianas ou das cidades planeadas como Brasília, de Lucio Costa e Niemeyer. No fim da década de 1970, um jovem arquitecto e teórico chamado Charles Jencks proclamou que o modernismo morrera no dia da implosão de Pruitt-Igoe «para dar lugar a uma nova fase, a fase pós-moderna». Esta simples frase fez muito para divulgar a própria ideia de que poderia existir algo como uma fase «pós-moderna» na arquitectura e, quem sabe, na própria história. À medida que o debate pós-moderno transitou da sua primeira encarnação na teoria

da arquitectura para discussões em literatura, filosofia, política e ciências sociais, contaminado quase todas as disciplinas humanísticas, também a catástrofe de Pruitt-Igoe ganhou uma relevância que Minoru Yamasaki nunca poderia prever e que só poderia deixá-lo amargurado. Todos estes autores e textos tinham ou foram ganhando um peso crescente na academia, o que contribuiu mais ainda para a celebração – mesmo demonização – do mau exemplo de Pruitt-Igoe. São denúncias redigidas num tom implacável, duríssimo, justificado aos olhos dos críticos pela própria arrogância que interpretavam nos propósitos da arquitectura da geração e das correntes a que Yamasaki estava associado.

Entre o público não especialista, contudo, Pruitt-Igoe foi perdendo os ecos de caos, crime e abandono por que fora reconhecido nos seus últimos anos da década de 1960. As intenções de Minoru Yamasaki também foram sendo revalorizadas à medida que se foi sabendo como a deterioração do conjunto habitacional se deveria pelo menos tanto (ou talvez mais) à acção premeditada ou negligente de empreiteiros, políticos e administração local, que foram corrompendo o projecto inicial enquanto o construíam ou deixavam de cuidar, principalmente depois de o Supremo Tribunal ordenar a dessegregação de Pruitt-Igoe e de ter ficado claro que os habitantes do conjunto seriam quase em exclusivo oriundos das camadas mais enjeitadas da população negra de Saint Louis. O debate sobre as causas da degradação de Pruitt-Igoe não é conclusivo, mas o seu quadro geral é hoje menos condenatório do projecto inicial.

Age of the Masters

A Personal View of
Modern Architecture.
By Reyner Banham.
Illustrated, 170 pp. New York:
Harper & Row, \$15.

By ROBERT C. TWOMBLY

If the World Trade Center were to suffer the fate of the Pruitt-Igoe housing project in St. Louis—death by dynamite—many of us would cheer. But good fortune comes rarely and for better or worse modern architecture is here to stay. Reyner Banham, professor of the history of architecture at University College, London, approves entirely, for in "Age of the Masters" he argues that 20th-century design was and is heroic. "Modern architecture is dead," is Banham's cheer; but "long live modern architecture!"

estação ferroviária. As autoridades demoraram três dias a encontrar a família, porque o arquitecto havia riscado o seu endereço do passaporte. Em 2003, o seu filho Nathaniel Kahn estreou um documentário chamado *My Architect – a Son's Journey*, onde procura recordar o seu pai e entender a sua vida com três famílias em simultâneo, com um filho em cada uma.

Nelson Rockefeller, governador do estado de Nova Iorque e irmão de David Rockefeller, principal investidor no World Trade Center, chegou efectivamente a vice-presidente dos EUA. O caso Watergate, que já vinha de 1972 mas não impedira uma reeleição folgada de Nixon, tornou-se pouco sustentável a partir de Abril de 1973, levando à demissão do presidente em Agosto. O vice-presidente Gerald Ford ocupou o lugar de Nixon, e Nelson Rockefeller foi nomeado vice-presidente, vencendo a concorrência de George (H.W.) Bush, então em-

baixador nas Nações Unidas. Com Gerald Ford, entraram na Casa Branca dois jovens políticos, de início rivais de Bush pai: Dick Cheney e Donald Rumsfeld.

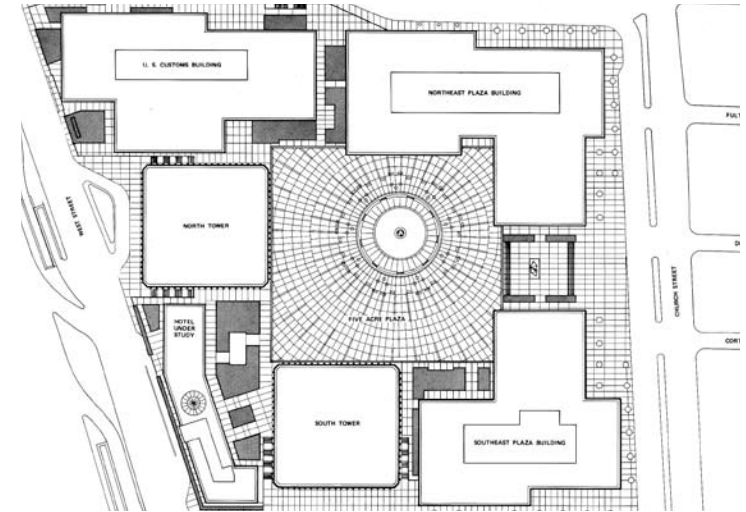
III

Quanto às Torres Gémeas propriamente ditas, o mundo viu-as desaparecer no dia 11 de Setembro de 2001. Caíram a pique de uma forma quase irreal depois de dois aviões de passageiros terem retalhado as suas superfícies de alumínio. Houve muitas vítimas, enormes danos humanos e materiais, mas também consequências reais vividas por todo o mundo, e que ainda não cessaram. Pouquíssimos suspeitavam alguma vez assistir a coisa semelhante, e apenas uns tantos se iludem sobre a hipótese de vir a extrair algum sentido definitivo de tais acontecimentos. Em boa medida, grande parte do debate público que se gerou após o ataque serve de paliativo para esse choque que ainda não abarcámos, e que não se explica apenas pelo número de vítimas ou pelos efeitos políticos do ataque, mas também pelos aspectos inéditos, visuais, directos, partilhados e puramente gregários da espécie humana, que a experiência vivida em conjunto acarretou. Pode haver enormes diferenças entre nós em torno do ataque, antes do ataque, depois do ataque: mas há conformidade no espanto sentido.

Um ano antes, eu tinha passado um mês na City University of New York, na esquina oposta ao Empire State Building, e durante esse período não fiz qualquer esforço para visitar as torres do World Trade Center. Nenhum

dos colegas ou amigos me incentivou nesse sentido, o que serve para confirmar que pouco tempo antes do desaparecimento das torres ainda subsistia alguma da resistência inicial – sincera ou afectada – à obra de Yamasaki em Manhattan. Se os gostos não se discutem e os desgostos não implicam culpa, não deixa de ser curioso notar como algumas pessoas se penitenciam hoje por nunca terem gostado das torres ou por terem delas desmerecido, um pouco como a vergonha que se sente por ter escarnecido de alguém que morreu jovem. Talvez muitos desses detractores tivessem sido tão enfáticos ou irónicos como Robert C. Twombly, que escreveu efectivamente que se as Torres Gémeas fossem dinamitadas como Pruitt-Igoe também muita gente se juntaria para aplaudir como aplaudiu nesse caso. A mera explicitação desta ideia causa hoje desconforto, apesar de sabermos que Twombly nunca poderia imaginar quão literalmente a sua frase poderia um dia ser interpretada. Da mesma forma, a resistência estética às torres que muitos sentiam até à véspera do ataque não diminui em nada o respeito devido às vítimas, nem mudaria nada se pudéssemos retroactivamente alterar a nossa opinião. Sabemos que Twombly e os outros detractores das torres até à véspera estão desculpados pela imprevisibilidade do futuro. Mas isso em nada mitiga esta inevitável mistura de sentimentos entre estética e ética.

Finalmente, acabei por ir até Lower Manhattan para visitar o World Trade Center. E foi aí que tive a surpresa que já muitos descreveram perante as obras de Minoru Yamasaki. Ao longe, as torres eram massivas, esmagadoras até. De perto, ganhavam uma delicadeza inesperada,



em grande parte devido à reverberação da luz nas colunas de metal e às suas linhas paralelas, muitas e muito juntas, que alteravam o seu aspecto dependendo do ângulo, da proximidade ou até da atenção do observador. Acima de tudo, essas colunas eram apenas falsamente repetitivas, uma vez que se juntavam e depois subdividiam num padrão gracioso, claramente remanescente do decorativismo elegante da arte islâmica, embora também da leveza do arco gótico ou de certos elementos da arte oriental. Yamasaki, cujo gosto passara por todas essas fases e estilos, tinha uma consciência precisa da migração, às vezes tão discreta, das formas.

Era feriado ou domingo e o World Trade Center estava fechado. Mesmo o acesso ao pátio interior estava vedado por gradeamentos, o que me impediu de aceder à *five acre plaza*, resguardada no interior dos edifícios e que era